

Ecomuseu Ilha Grande: musealização e construção coletiva

Vivianne Valença¹ Gelsom Rozentino²

Ecomuseum Ilha Grande: musealization and collective construction.

Introdução

A ideia de Ecomuseu tornou-se um símbolo de identidade comunitária e transformação social que se difundiu pelo mundo. Sua concepção recebe influências de diferentes perspectivas que traçam sua missão, caminhos e relação com seu território e patrimônio. Representa um modelo conceitual de museu complexo e ao mesmo tempo fascinante composto por processos e dinâmicas sociais que são feitas e refeitas à medida que vivenciamos o museu integral. Apresentamos como estudo de caso o Ecomuseu Ilha Grande - Rio de Janeiro/ Brasil no intuito de conhecermos suas ações, projetos e sua integração com as comunidades locais. Destacamos o processo de

¹ Museóloga do Ecomuseu Ilha Grande e Coordenadora do Museu do Cárcere / Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio - PPGPMUS / Unirio

Vivianne.valenca@gmail.com

² Professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Coordenador adjunto do Programa de Pós-graduação em História Social, Coordenador do Ecomuseu Ilha Grande.

musealização do território e a implantação do Sistema do Ecomuseu Ilha Grande – SECOMIG.

Pretendemos contribuir para a discussão e ampliação de produções que visem o registro e documentação de forma integrada, de acordo com a proposta do ecomuseu. Ainda nos deparamos com escassez de trabalhos que se dediquem a análise sobre processos que visam a contemplação do ecomuseu em suas diferentes dimensões, destacando o território e sua complexidade, a comunidade e o que esta percebe e nomeia como patrimônio.

1. As Influências na Concepção do Ecomuseu

Desde a origem como responsável pela guarda de objetos até a concepção do território musealizado, o museu se apresenta com diferentes percepções ao longo do tempo, seja plural, contraditório ou fragmentário. No século XX, a ideia de Ecomuseu teve como pioneiros o Ecomuseu da Grande Lande, no Parque Natural Regional des Landes de Gascogne e, principalmente, a experiência prática na vila e comunidade urbana e industrial do Creusot, nos anos 1960 e 1970. Foi denominado “Ecomuseu da Comunidade urbana Le Creusot-Montceau-Les-Mines – Museu do Homem e da Indústria.” Nessa concepção, de forma ideal, formula-se o projeto de um museu igualitário, em que toda a comunidade constitui um museu onde não existem visitantes, mas sim habitantes. A essência do museu não reside na exposição, mas na participação. O ponto central deste novo projeto não está no objeto, mas no indivíduo (SCHEINER; SOARES, 2009, p.7).

A ideia de Ecomuseu vai se desdobrando no mundo, a partir desta perspectiva. No Brasil, em especial, tornou-se um símbolo de identidade comunitária capaz de encontrar um meio de excepcionalidade centrada no acesso aos meios de apropriação do patrimônio local, utilizando-o como memória coletiva e servindo aos interesses de um grupo que buscava reorientar a sua identidade. Dessa forma, consideramos que, se antes o Ecomuseu nasceu de uma realidade, um contexto histórico e questões sociais específicas de

uma dada formação social na França, hoje tornou-se uma “forma” museológica resultante de múltiplas experiências e realidades, tão diversas entre países como Portugal, China, Itália e Moçambique, como também tão distintas em um mesmo país, como o Brasil.

O Ecomuseu de Itaipu, primeiro Ecomuseu criado no Brasil, visava incorporar o conceito de Ecomuseu à comunidade formada pela usina Itaipu Binacional, “trazendo uma nova forma de energia, aquela que busca a preservação ambiental, desenvolvendo ou integrando o homem, sua obra e seu meio ambiente” (MORO, 1987, p.2). A sua criação foi uma demanda da empresa estatal Itaipu Binacional, executada com um projeto da museóloga Fernanda Camargo Moro, por meio de um processo tradicional. Através da criação do ecomuseu pretendia-se associar a imagem da empresa com a preocupação da preservação ambiental, ou como a própria definia, “museologia ambiental”. Essa proposta era apresentada como fundamentada nas ideias apresentadas por Hugues de Varine. É importante lembrar que a criação do Ecomuseu foi realizada em meio a um conjunto de medidas compensatórias dos danos causados pela hidroelétrica de Itaipu aos municípios do oeste do Paraná, que tiveram 1.350 km² inundados, perda de 13,9% da área produtiva, além de bens públicos.

O autor francês tornou-se referência para os Ecomuseus criados a partir da iniciativa comunitária ou de diferentes formas associativas. Entretanto, aquilo que significa Ecomuseu no Brasil foi se metamorfoseando no sentido axiológico do próprio ecomuseu. Será que o sentido original do Ecomuseu na França continua atual hoje, em pleno século XXI? Permanece ainda válido e em uso nos diferentes processos formativos ao redor do mundo e, em especial, no Brasil?

Scheiner (2012, p.24) afirma que o termo “Ecomuseu” usado por Varine foi uma ocorrência circunstancial e o próprio autor solicita que as experiências que assim se reconhecem sejam nomeadas como “museus comunitários”. Vale ressaltar que o Ecomuseu, segundo a

autora, seria uma das formas de representação do fenômeno Museu, adequada à época de sua emergência:

O ecomuseu não é, certamente, uma ruptura com o museu tradicional, nem a única forma de relacionar, de forma ativa, museus e sociedade. Mas, sem dúvida, constitui uma alternativa interessante para a ressignificação de comunidades que desejam valorizar e dinamizar suas relações com o espaço, o tempo e o patrimônio, em âmbito local – desde que não seja percebido como ferramenta (como quase sempre acontece), pois ferramentas são instrumentos que levam facilmente à manipulação. (SCHEINER, 2012, p.24-25)

Aqui, caberia interrogar se o fato de dizer que “alguma coisa” ou uma instituição é Ecomuseu tende a limitar a perspectiva de ação em si destas experiências. Ou seja, a definição conceitual ou terminológica pode resultar na não compreensão dos processos e fluxos museológicos correntes, na impossibilidade de captar e apreender a riqueza e diversidade de cada face concreta da realidade. Mesmo que não siga as dinâmicas do Creusot, é possível identificar características comuns e semelhantes em muitos desses processos, mas a adoção de uma definição como “camisa de força” ou “receita de bolo” não contribui para o conhecimento da experiência única vivenciada por uma dada comunidade.

Território, patrimônio e comunidade formam a matriz que identifica o que é um Ecomuseu, mesmo que nascido de diferentes formas e locais. Forma-se um tripé que consiste na base que sustenta o que é o Ecomuseu e deve ser observado em todas as dimensões, de forma imbricada, indissociada, resultando em diferentes fluxos e ressignificações sociais, culturais, históricas e, portanto, museológicas. Esses pilares e a relação entre as partes são muito mais ricos, promissores, potencialmente difusores, do que qualquer definição conceitual seria capaz de propor. A formulação teórico-

conceitual desse modelo de museu envolve as noções de patrimônio total ou integral, participação comunitária, desenvolvimento local e meio ambiente ou território. Tal termo passou a ser sinônimo de um tipo muito especial de museu comunitário, fundamentado na musealização de um território e na relação entre este território, o meio ambiente integral, entendido como patrimônio e as comunidades que ali conviveram e/ou convivem.

Georges Henri Rivière pensava o Ecomuseu como um instrumento de poder para a população local, usando a metáfora do espelho, em que ela primeiro se vê, se conhece e se mostra para os visitantes. Nas palavras do próprio Rivière:

Un ecomuseo es un instrumento que el poder político y la población conciben, fabrican y explotan conjuntamente. El poder, con los expertos, las instalaciones y los recursos que pone a disposición; la población, según sus aspiraciones, sus conocimientos y su idiosincracia. Un espejo, donde la población se contempla para reconocerse, donde busca la explicación del territorio en el que está enraizada y en el que se sucedieron todos los pueblos que la precedieron, en la continuidad o discontinuidad de las generaciones. Un espejo que la población ofrece a sus huéspedes para hacerse entender mejor, en el respeto de su trabajo, de sus formas de comportamiento y de su intimidad. (RIVIÈRE, 1985, p.3)

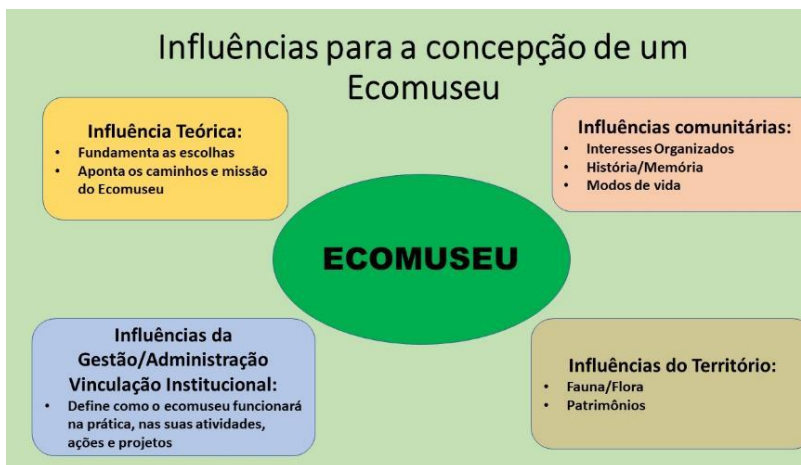
Após três décadas, o que poderia ter sido apenas um termo criado e utilizado por Rivière e Varine consolidou-se como um modelo de museu, com mais de 300 existentes no mundo. Os ecomuseus incentivam abordagens sistemáticas, síntese, criatividade e variação. Em comparação com a prática museológica tradicional, incentivam a análise, segmentação, a crítica a doutrinas estabelecidas. Em contraste, ecomuseus reconhecem a complexidade do relacionamento entre o patrimônio cultural de uma

comunidade particular e as demandas para o desenvolvimento (SONG, 2005, p.41).

Partindo da ideia de Soares (2008), que o Ecomuseu é uma invenção, poderíamos então afirmar que estamos o tempo inteiro inventando e reinventando o Ecomuseu? Sim, pois não só o Ecomuseu como todo museu é uma invenção. O Ecomuseu é sem dúvida uma criação, resultante de processos de desdobramento do fenômeno museu.

Tendo como referência a análise dos diferentes processos de criação de um ecomuseu, elaboramos um modelo que denominamos de “Influências para a concepção de um ecomuseu”, que busca sistematizar os elementos que interferem nas escolhas, caminho e atuação que o ecomuseu percorreu e/ou trilhará. Essas influências foram identificadas como as que acontecem com maior frequência, principalmente no Brasil. São elas:

Figura1- Influências para a concepção de um Ecomuseu.



Fonte: Elaborado por Vivianne Valença

A partir do exposto acima, tendo como base o estudo sobre os ecomuseus no Brasil, podemos afirmar que os Ecomuseus são concebidos a partir de influências que determinam como serão organizados, geridos ou até mesmo “vividos”. As quatro influências apontadas acima integram a estrutura do ecomuseu desde sua concepção teórica até o desenvolvimento de suas ações no cotidiano comunitário.

Influência teórica

A influência teórica é estabelecida pelos contatos com teoria museológica, portanto, com pesquisadores ou profissionais do museu, e irá determinar os caminhos que o ecomuseu irá seguir a teoria influencia a prática. Ela fundamenta o pensamento que o Ecomuseu seguirá apontando, bem como as escolhas e os caminhos a serem trilhados e, por fim, a definição da sua missão.

Influência Comunitária

Esse tipo de influência seria formado pelos interesses definidos pela comunidade ou grupos organizados, tais como: Associação de Moradores, ONGs, partidos políticos. A história e a memória coletiva da comunidade também influenciam o processo de construção identitária e de vivência em grupo e relação com o significado do que é o ecomuseu e sua função na comunidade, no intuito de preservação e valorização da sua história e memória visando a propagação para as futuras gerações.

Influência da Gestão/administração - Vinculação institucional

A vinculação institucional do Ecomuseu decorre da forma de organização original e influencia diretamente como irá funcionar na prática, como gere e administra suas atividades, ações e projetos. Esta vinculação determina a missão e os caminhos que o Ecomuseu percorrerá na prática em consonância com a influência teórica. São definidos os objetivos, metas e estrutura, recursos, serviços e compartilhamento das funções e tarefas junto à comunidade e órgão gestor quando for o caso.

Influências do Território

O território onde o Ecomuseu existe concretamente é o que irá defini-lo e está inserido com suas características e dinâmicas. Cabe destacar nessa dimensão territorial a Biodiversidade - Fauna/Flora, geologia e geografia, além dos patrimônios indicados pela comunidade que compõem este território. Esta influência é determinante para a compreensão de como a comunidade se relaciona com seu tempo, espaço e tudo que o compõem.

Tomando por base as quatro influências que regem a constituição de um ecomuseu, fica evidente que se relacionam entre si e se fortalecem criando processos dinâmicos que envolvem a articulação entre os três pilares que formam diretamente a ideia de ecomuseu: território, comunidade e patrimônio.

Estudo de Caso: o Ecomuseu Ilha Grande

O Ecomuseu Ilha Grande, localizado em Angra dos Reis- Rio de Janeiro – Brasil é uma unidade da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, voltado às atividades de preservação, investigação e divulgação do meio ambiente, da história, e da vida sociocultural da ilha. É composto por quatro núcleos: Museu do Cárcere, Museu do Meio Ambiente, Parque Botânico e Centro Multimídia que estão localizados na Vila Dois Rios uma vila com característica singular, por ter sido arquitetada como cidade prisional. Neste local foram construídos alguns dos mais importantes e famosos presídios do Brasil: a Colônia Correcional de Dois Rios, a Colônia Agrícola do Distrito Federal e o Instituto Penal Cândido Mendes. Núcleos do Ecomuseu Ilha Grande – UERJ:

- Museu do Cárcere – Está instalado em prédios da padaria e da guarda do antigo Instituto Penal Cândido Mendes. Tem como proposta servir como importante fonte de reflexão sobre as políticas carcerárias e seus reflexos na sociedade brasileira, a partir da história das sucessivas unidades penitenciárias da Ilha Grande, bem como a questão da liberdade e dos Direitos Humanos.
- Museu do Meio Ambiente – A partir de exposições e outras atividades socioeducacionais, tem por objetivo divulgar as pesquisas científicas desenvolvidas sobre a Ilha Grande, abordando questões relativas à biodiversidade e ao uso sustentável do meio ambiente. Está localizado no prédio da antiga Fazenda Dois Rios, do início do século XIX, posteriormente da Colônia Correcional de Dois Rios.
- Centro Multimídia – Tem como objetivo contribuir para a pesquisa, registro, divulgação e memória da Ilha Grande em termos de patrimônio, história e cultura, por meio de mídias digitais e acesso virtual.
- Parque Botânico – Visa identificar, organizar e catalogar espécies vegetais a fim de implantar um acervo de plantas vivas originárias da Ilha Grande. Essa coleção ocupa a área do pátio interno do antigo Instituto Penal Cândido Mendes, realizando tratamento paisagístico e técnico-científico para o cultivo de espécies da flora que sejam testemunhos da história local.

Nas últimas duas décadas, a Ilha Grande transformou-se de área de segurança nacional em área de Patrimônio Mundial, recendo o título da UNESCO em julho de 2019. A UERJ tem papel de destaque na preservação desse ambiente; e o Ecomuseu Ilha Grande contribuiu de forma decisiva para esse reconhecimento.

Transformar-se ao longo do tempo de um ambiente carcerário em um grande laboratório de dispositivos da preservação e sustentabilidade ambiental é uma proposta desafiadora. O Ecomuseu tem como território, toda a ilha, com seus 193km² e 15

vilas habitadas. O Ecomuseu Ilha Grande procura abraçar a noção de patrimônio comunitário e coletivo, seguindo os conceitos básicos da definição de museu integral.

Figura 2 - Vilas da Ilha Grande



Fonte: Acervo Ecomuseu Ilha Grande

A missão do Ecomuseu Ilha Grande é incorporar a comunidade como sujeito do processo de conservação e desenvolvimento sustentável do território da Ilha Grande, por meio da preservação, pesquisa, valorização e difusão da história, memória, cultura e, identidade, locais, bem como do patrimônio natural, material e imaterial, promovendo a reflexão e a ação consciente.

Este Ecomuseu nasceu a partir da iniciativa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ que buscava “ser para a” comunidade, “ser apropriado” por ela, mas não foi constituído “pela” comunidade em si. Todavia, embora mantendo-se como um museu universitário, devido a sua instância administrativa, todo o processo de constituição e desenvolvimento levou em conta as possibilidades de participação e integração das comunidades locais. Ao longo do processo de consolidação a missão inicial do Ecomuseu Ilha Grande, juntamente com suas práticas e dinâmicas de trabalho, buscou formas de aprofundamento da relação com a comunidade.

Com mais de 10 projetos em desenvolvimento junto as comunidades da Ilha Grande, destacaremos alguns: “Ecomuseu Recicla”, “Ecovila Digital”, “Ilha Grande e Saúde Comunitária”, “Museólogas de Família”, “Uma biblioteca em cada praia”, “Conhecendo a Nossa Ilha”.

O projeto “Museólogas de Família”, iniciado em 2011 em comemoração à 9ª Semana Nacional de Museus, tem como objetivo fazer do museu uma instituição presente e ativa nas diversas vilas da ilha. A equipe visita as localidades e promove ações que buscam incentivar o interesse e a participação das comunidades. São feitas visitas às residências, organiza-se uma “Roda de Conversa” e uma exposição com os objetos que cada pessoa elege como seu patrimônio familiar (ALMEIDA, 2012). Nessas ocasiões, os moradores têm oportunidade de compartilhar com o museu suas memórias e trajetórias de vida, que se entrelaçam e se complementam, formando identidades locais. São encontros muito importantes para a aproximação entre o ECOMIG e as comunidades, seguindo a máxima: “Se as comunidades não vão ao museu (ou não podem ir, dadas as distâncias que as separam de vila Dois Rios – sede do museu), o Ecomuseu Ilha Grande vai às comunidades”. Foram realizadas edições deste projeto nas vilas de Abraão, Araçatiba, Sítio Forte, Palmas e Vila Dois Rios.

Figuras 3 e 4 – Visita das museólogas aos moradores da Vila de Araçatiba



Fonte: Acervo do Ecomuseu Ilha Grande

O projeto “Ecovila Digital”, do Ecomuseu Ilha Grande em parceria com o Instituto Cultural Embratel, deu o primeiro passo para a concretização da estação de trabalho digital em Vila Dois Rios. O Instituto Embratel constatou que entre todos os seus parceiros nas diversas regiões do Brasil, o que tem maior índice de acesso é a comunidade de Vila Dois Rios. Com esse projeto, o Instituto conquistou o 25º lugar no Ranking Benchmarking 2013 dos Detentores das Melhores Práticas de Sustentabilidade do País como resultado dessa parceria, na qual consistiu disponibilizar o acesso gratuito à internet na sala da Ecovila Digital do Ecomuseu Ilha Grande, em Vila Dois Rios. Neste mesmo ano o projeto resultou na menção honrosa pelo Ibermuseus ao Ecomuseu Ilha Grande.

O projeto “Ecomuseu Recicla”, busca difundir meios de preservação ambiental voltados para a instrumentalização da população local, e foi criado como uma ferramenta de promoção de ações na ilha para a inclusão social. Através de oficinas, os moradores de Vila Dois Rios aprenderam a criar produtos artesanais com resíduos sólidos.

Dentre os resultados alcançados destacam-se a capacitação de moradores; a criação de uma exposição itinerante com os seus trabalhos, levando o museu para além dos limites da ilha; e o fim da presença de garrafas pet no lixo de Dois Rios. As peças produzidas são comercializadas pelos artesãos de Dois Rios visando o desenvolvimento econômico local (ALMEIDA, 2012). Este projeto foi reconhecido pelo Ibermuseu como menção honrosa em sua premiação no ano de 2014.

O Projeto “Ilha Grande e Saúde Comunitária” tem como proposta promover ações de cuidados preventivos de saúde às comunidades isoladas da Ilha grande a partir de ações educativas, incentivando o desenvolvimento de hábitos saudáveis de saúde consciente e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das comunidades de caráter educacional, social e cultural. Sendo o

Figuras 5 e 6 – Marilda Caiares em seu atelier na Sede do Ecomuseu Ilha Grande



Fonte: Acervo Ecomuseu Ilha Grande

Ecomuseu Ilha Grande da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ um mediador, catalizador e propagador de ações que vise o bem-estar e a integração da população e do meio em que vivem. Este projeto ganhou o prêmio de Menção Honrosa na 10ª edição do Prêmio Ibermuseus de Educação do ano de 2019.

Figuras 7 e 8 – Atividades e orientações de Saúde

“Outubro Rosa” – 2018
prevenção contra o câncer de
mama



“Setembro amarelo” – 2018
prevenção contra o suicídio



Fonte: Acervo Ecomuseu Ilha Grande

O projeto “Bibliotecas comunitárias de praia da Ilha Grande”, surgiu a partir da demanda da comunidade da Enseada de Palmas pela falta de escola na vila. Um dos moradores compartilhou o antigo

sonho de fazer uma “árvore de livros” numa amendoeira da praia, inspirada pelas aulas de reforço que as crianças têm sob a sombra desta grande árvore devido a falta de um lugar apropriado. A partir deste e de outros relatos, a ideia foi criar uma biblioteca pública, de livre acesso, para estimular a leitura não apenas para crianças, mas para toda a população do local.

Figura 9 - Inauguração da Biblioteca Comunitária da Enseada de Palmas



Fonte: Acervo Ecomuseu Ilha Grande

Figura 10 – Projeto Conhecendo a Nossa Ilha



Fonte: Acervo Ecomuseu Ilha Grande

O projeto Conhecendo a Nossa Ilha tem como objetivo compartilhar com os alunos e professores conhecimento da história da Ilha através da visitação aos museus e atividades realizadas nas escolas da Baía da Ilha Grande. No primeiro momento a equipe do

Ecomuseu visita as escolas apresentando seus núcleos e atividades. E no segundo momento as escolas com seus alunos e professores irão conhecer os espaços e exposições do Ecomuseu Ilha Grande e realiza atividades em conjunto.

O Ecomuseu Ilha Grande também conta com duas instâncias de caráter consultivo: o Comitê Científico, integrado por pesquisadores das diferentes áreas do conhecimento e instituições públicas parceiras; e o Conselho Comunitário, integrado por representantes das comunidades da Ilha Grande.

Esses são exemplos de alguns projetos e iniciativas que vêm sendo desenvolvidos pela equipe do Ecomuseu Ilha Grande, no intuito de buscar a integração das comunidades e aproximá-las do ECOMIG, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e transformação social.

A articulação do ECOMIG com comunidades plurais deixa patente que não se trata de uma concepção de “museu ilhado”, ainda que fisicamente ele esteja ancorado numa ilha; ao contrário, trata-se de um museu-processo, aberto para e com a comunidade.

O processo de musealização do território (Ilha Grande) e a implantação do Sistema do Ecomuseu Ilha Grande – SECOMIG

A partir da integração entre a comunidade e o ECOMIG teve origem o processo de musealização do território da Ilha Grande, com o objetivo de conhecer e valorizar o lugar onde vivem. Para a sua implementação foi proposta a metodologia de Laboratório Experimental, que consiste em acompanhar e analisar experiências e processos relacionais continuados entre os membros da comunidade da Vila Dois Rios e a equipe do Ecomuseu Ilha Grande, a partir da definição e apropriação do seu patrimônio e território. Entendendo a Vila Dois e sua comunidade como espaço de construção coletiva, onde se desenvolvem processos que incluem desde a discussão e definição dos seus patrimônios até a musealização, ora em andamento - a partir de três fases: sensibilização; apropriação e difusão; e musealização do território.

Figura 11 – Fases do Laboratório Experimental realizado na Vila Dois Rios – Ilha Grande



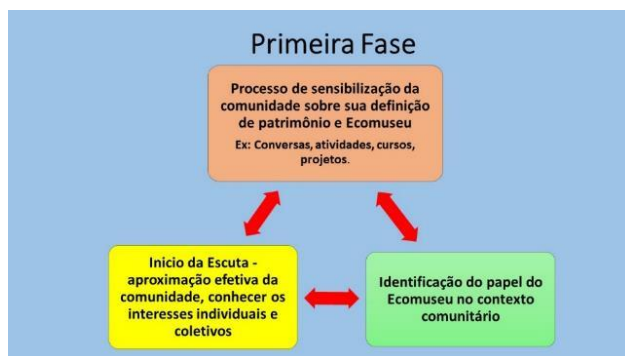
Fonte: Elaborado por Vivianne Valença

Este processo de “coconstrução”, uma construção conjunta e compartilhada com a comunidade, resulta até o presente na definição e identificação, pelos grupos locais, do patrimônio da Vila Dois Rios e o seu processo de musealização – que incentivou maior envolvimento dos moradores na valorização de seus costumes e práticas culturais, ajudando-os a fortalecer o sentimento de pertença e identidade locais; e o respeito à diversidade cultural, étnica e histórica da Ilha Grande.

O processo de sensibilização da comunidade em relação ao que a mesma define como patrimônio e ecomuseu - a partir de conversas, cursos, projetos e atividades -, constituiu a **primeira fase**. É o momento de estabelecer uma relação de confiança, o início da escuta, do conhecer, da aproximação efetiva da comunidade, seja física ou mentalmente: conhecer seus anseios, desejos e expectativas de vida, como indivíduos e como coletividade; e identificar qual o papel do museu, neste caso do Ecomuseu Ilha Grande, no território. Para a comunidade de Vila Dois Rios, a definição de Ecomuseu e de patrimônio desenvolveu-se em conjunto, a partir de diferentes atividades.

A **segunda fase** do Laboratório Experimental é quando acontece o início da transformação do olhar - que perpassa pela apropriação e difusão e que pode ocorrer em diferentes momentos dentro do processo da experiência, no sentido de interligar três conceitos que fundamentam e fazem o ecomuseu existir: patrimônio, território e comunidade; e como essas relações ocorrem de forma integrada, atingem o ápice da apropriação da ideia do Ecomuseu Ilha Grande e difundem-se com palavras e principalmente ações.

Figura 12 – Primeira Fase do Laboratório Experimental



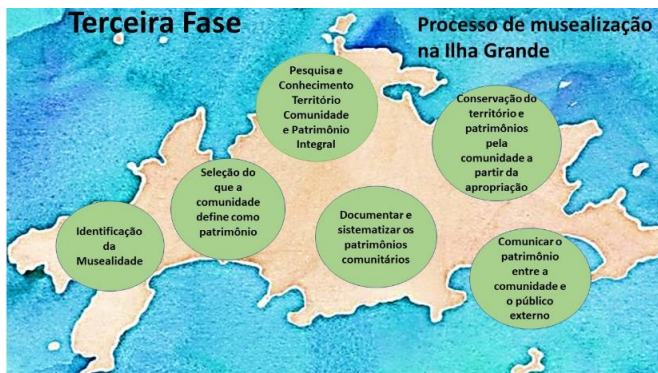
Fonte: Elaborado por Vivianne Valença.

Figura 13 – Segunda Fase do Laboratório Experimental



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 14 – Terceira fase do Laboratório Experimental



Fonte: Elaborado por Vivianne Valença.

A **terceira fase** do Laboratório Experimental se desdobra como continuação e resultado do processo das fases 1 e 2, ou seja, da sensibilização, apropriação e difusão, que consiste no processo de musealização da Vila Dois Rios – ora em andamento. A musealização está sendo discutida, pesquisada e analisada pela comunidade, pela equipe do ECOMIG e pelos pesquisadores da UERJ que atuam na ilha. Integram este processo as ações realizadas com cada membro da comunidade - entrevistas, reuniões, cursos, para discutir e identificar o que delegam como patrimônio da comunidade. A proposta de musealização do Ecomuseu Ilha Grande abarca de forma integrada todo o conjunto: território, comunidade e seus patrimônios. Esse processo tem sido valorizado e intensificado pelos agentes nele envolvidos, levando em consideração o título recente da Ilha Grande outorgado pela UNESCO de Patrimônio Natural Mundial.

O processo de musealização do Ecomuseu Ilha Grande em Vila Dois Rios tem como princípio a identificação da musealidade, pela valoração da comunidade sobre o território em que vive e seus

patrimônios, levando em consideração a ideia de museu e de patrimônio integral. A proposta se inicia pela caracterização e seleção do que a comunidade define como patrimônio, passa pela pesquisa e conhecimento sobre o território, a comunidade e o patrimônio integral, documenta e sistematiza os conjuntos a partir do Sistema do Ecomuseu Ilha Grande – SECOMIG, conserva o território e os patrimônios por meio da apropriação; e comunica pela e para a comunidade e o público externo.

Na medida em que o Ecomuseu Ilha Grande é um museu universitário, institucionalmente vinculado a UERJ e executa as suas atividades interligadas à mesma, essa característica contribui para tornar possível a efetivação deste processo: atualmente o ECOMIG conta com um Comitê Científico integrado por pesquisadores de diferentes áreas que estudam e atuam na Ilha Grande, o que enriquece todo o processo de informações e estudos sobre esse território. E o Conselho Comunitário, composto por representantes das vilas da Ilha Grande, que contribui com esses estudos e seus diferentes saberes. Estas ferramentas são utilizadas para fazer o registro, a pesquisa e a documentação de algumas das etapas da musealização.

Destaca-se o processo integrado em andamento de catalogação das coleções dos núcleos do Ecomuseu Ilha Grande e do Inventário do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Ilha Grande. Dessa forma, o acervo “museológico” encontra-se em processo de organização e a proposta é que se estenda à musealização do território como parte central do ecomuseu. A ação está sendo desenvolvida juntamente com a comunidade local, além do registro do patrimônio imaterial no que se refere à ocupação humana, às memórias e histórias contadas pelo povo local. Nesta perspectiva, foi iniciado o processo de pesquisa que desencadeou a Sinalização da Vila Dois Rios, destacando o que é importante para a comunidade, definido por ela mesma.

Nesse processo os patrimônios reconhecidos pela comunidade estão sendo inventariados - desde as camadas que compõem o território até a ocupação humana. Foram feitas consultas aos moradores, que contribuíram para a identificação dos pontos de referência, de interesse, que integram o patrimônio local. Em seguida, foi realizada uma pesquisa sobre as informações históricas a respeito de cada um desses pontos, bem como entrevistas com os moradores da Vila Dois Rios, suas memórias e história, que serviram de registro e acervo. Todo esse trabalho resultou em placas que reúnem essas informações e foram colocadas nesses espaços, com o apoio de membros da comunidade. Nas placas são apresentadas imagens do passado e do presente e dados sobre o patrimônio, que funcionam como dispositivos informacionais para o público visitante.

A complexidade e diversidade de informações reunidas pelo Ecomuseu Ilha Grande demandou a necessidade de elaboração de um banco de dados e sistematização para catalogação e consulta. Para esse fim e atendendo as suas especificidades, em termos de registro e concretização da documentação, coleções e demais informações, está sendo implantado o Sistema do Ecomuseu Ilha Grande – SECOMIG, que se fundamenta numa abordagem multidisciplinar, uma “ecologia de saberes” que abrange o conhecimento, registro, pesquisa e comunicação sobre o território da Ilha Grande sob diferentes perspectivas. Em termos gerais, pode-se dizer que o sistema está assentado basicamente em três linhas de pensamento: Histórico/Geográfica (território), Antropológica (comunidade) e Museológica (patrimônio/acervo, no caso sob a guarda dos núcleos do Ecomig). Além dessas linhas gerais, podemos destacar: a Geologia, que inclui o estudo da origem, composição, estrutura e propriedades físicas do substrato geo-ambiental; a Geografia física, que inclui dados sobre a climatologia; a Ecologia, que trata das paisagens naturais e da biodiversidade do território - focados na variedade da fauna e flora encontradas na Ilha; e os estudos sobre a ocupação humana, que incluem a Arqueologia, com

a análise de vestígios materiais de sociedades/grupos locais extintos, ressaltando a história da ocupação do território no intuito de estudar os habitantes locais e sua ação no tempo e no espaço.

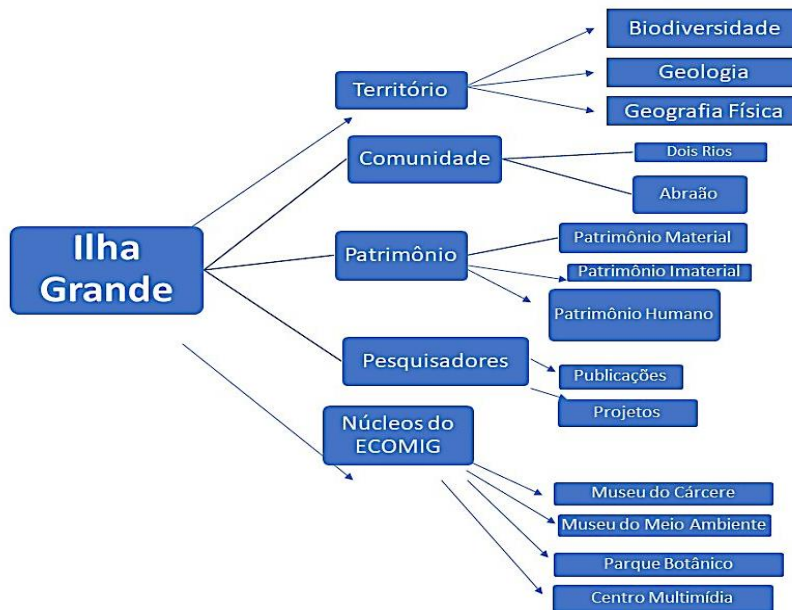
O SECOMIG se desdobra em diferentes perspectivas de abordagem e contribuição de diferentes campos do conhecimento em seus registros, indicados aqui de forma a exemplificar, embora visão seja integrada e interdisciplinar. Por exemplo, na perspectiva antropológica, as comunidades da Ilha Grande e sua diversidade cultural. A visão Sociológica se ligará ao estudo do comportamento desses grupos em função do meio, bem como os processos associativos que desenvolvem. A Geografia humana dará suporte para a caracterização econômica e urbana das comunidades. A Arquitetura destacará o processo artístico e técnico que envolve a elaboração de espaços organizados e criativos para abrigar diferentes tipos de atividades humanas no espaço analisado. O Turismo apontará dados sobre as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer ou negócios - como é o caso da forte atuação turística na Ilha Grande.

A proposta do SECOMIG, caso obtenha êxito na sua aplicação, permitirá realizar de fato uma musealização integral do território da Vila Dois Rios e quiçá de toda a Ilha Grande - a partir da ação conjunta da comunidade e da UERJ como um todo, bem como de outros setores da sociedade e do Poder Público, que poderão vir a apoiar o desenvolvimento dessas ações.

Na figura 15 apresentamos a organização do Sistema do Ecomuseu Ilha Grande – SECOMIG – pensada para atender as especificidades do Ecomuseu Ilha Grande e no intuito de efetivar o que Scheiner (2012, p. 19) aponta como os princípios do Museu Integral, que se fundamenta na musealização de todo o conjunto patrimonial de um dado território considerando sua dimensão geográfica, clima, recursos naturais e as formas passadas e atuais da

ocupação humana, considerando seus processos e os produtos culturais advindos dessas formas de ocupação, ou na ênfase no trabalho comunitário.

Figura 15 - Sistematização do SECOMIG



Fonte: Acervo Ecomuseu Ilha Grande, Elaborado por Vivianne Valença.

O SECOMIG, ainda em fase experimental, poderá servir como um exemplo de trabalho de organização da informação e dimensão documental que contemple o Ecomuseu em todas as suas dimensões, contribuindo com conhecimentos sobre a Ilha Grande e suas comunidades, além de ser fonte de informação e acesso ao público e inspiração para outros Ecomuseus que desejam musealizar seu território de forma integral e participativa.

Considerações Finais

O Ecomuseu numa ordem social organicamente constituída por seus processos e dinâmicas comunitárias torna-se um interesse modelo conceitual de ser construído, embora complexo traz em sua essência museológica a grande arte de transformar o museu num grande cenário da natureza humana e sua relação com o território e seus patrimônios.

As diferentes influências de criação do Ecomuseu ajudam a entender um pouco mais os processos e relações entre os interesses comunitários, o meio em que vive e sua definição patrimonial, compreendendo suas escolhas e caminho a ser trilhado.

As três fases do Laboratório Experimental da Vila Dois Rios e a musealização do território demonstram como a experiência do Ecomuseu Ilha Grande e sua relação com a comunidade reafirmam sua identidade enquanto Ecomuseu e a importância do reconhecimento e valorização dos seus patrimônios.

Poderíamos afirmar que o Ecomuseu Ilha Grande, seria um território-rede que se conectam formando novas territorialidades e dinâmicas sociais. Ressaltando as diversas manifestações locais e integrando os aspectos político, econômico e simbólico. Portanto, a musealização do território de forma integral e participativa pode ser uma excelente alternativa para contempla o Ecomuseu em todas as suas dimensões fortalecendo e valorizando a comunidade e o que definem enquanto patrimônio.

Referências

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário; SANTOS, Myrian S, (orgs.). (2007) *Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas*. Rio de Janeiro: Garamond/MinC/Iphan.

ALMEIDA, Gelsom Rozentino de; LIMA, R. G.; AMARAL, A. L. O Projeto Museólogas de Família do Ecomuseu Ilha Grande da UERJ: o Ecomuseu vai à comunidade. In: I Congresso Latinoamericano / II Congresso Nacional de Museos Universitarios, (2013), La Plata. *Anais del I Congresso Latinoamericano / II Congresso Nacional de Museos Universitarios*.

CHAGAS, Mario. *Museu: coisa velha, coisa antiga*. (1987) Rio de Janeiro: UNIRIO.

CLAIR, Jean. Les origines de la notion d'écomusée. In: WASSERMAN, F. (Ed.) *Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie*. (1992) v. 1 M.N.E.S., p. 433-439.

ÉVRARD, Marcel. L'écomusée: saisie de la durée, expression transitoire de l'identité. In: WASSERMAN, F. (Ed.) *Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie*. (1992) v. 1. M.N.E.S., p. 488-493.

GUANG, Song Xiang. How the theory and practice of ecomuseums enrich general museology. In: *Communication and Exploration*. (2005) Trentino: Trentino Cultura, p. 37-42.

JEUDI, Henri Pierre. *Memórias do social*. (1990) Tradução de Márcia Cavalcanti. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

KINARD, John. Intermédiaires entre musée et communauté. In: WASSERMAN, F. (Ed.) *Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie*. (1992) v. 1. M.N.E.S., p. 99-108.

MAURE, Marc. Ecomuseums: a mirror, a window or a show-case? In: *Communication and Exploration*. (2005) Trentino: Trentino Cultura, p. 69-72.

MORO Fernanda Camargo, [1988/1989]. *Ecomuseu de Itaipu*, Livro Texto.

MOUTINHO, Mário C. Museus e Sociedade. Reflexões sobre a função social do museu. (1989) Cadernos de Patrimônio, 5. Museu Etnológico Monte Redondo.

MOUTINHO, Mário C. Sobre o conceito de Museologia Social. (1993). *Cadernos de Sociomuseologia*. v.1, n.1, Universidade Lusófona: Lisboa.

RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. *Memórias do concreto: vozes na construção de Itaipu*. Cascavel: Edunioeste, 2002

RIVIÈRE, Georges Henri. Definición evolutiva del ecomuseo. *Museum. Imágenes del ecomuseo*, (1985) Paris, UNESCO, v. XXXVII, n. 148, p.3.

RIVIÈRE, Georges Henri. L'Écomusée, un modèle évolutif. In: WASSERMAN, F. (Ed.) *Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie*. (1992), v. 1 M.N.E.S., p. 440-445.

SANTOS, Milton. *Espaço e sociedade (ensaios)*. (1979). Petrópolis: Vozes.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Os conflitos entre natureza e cultura na implementação do Ecomuseu Ilha Grande*. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. (2005), vol.12, pp.381-382.

SCHEINER, Tereza. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. *Boletim Museu Paranaense Emílio Goeldi*. (2012). Cienc. Hum. Belém, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan.-abr.

SCHEINER, Tereza. Musée et muséologie: définitions em cours. In: MAIRESSE, François; DESVALLÉES, André. Vers une redéfinition du musée? Paris: L'Harmattan, 2007, p.147-165.

SCHEINER, Tereza. Réfléchir sur le Champ Muséal: significations et impact théorique de la Muséologie. In: 37th Annual ICOFOM Symposium, 2014, Paris. New Tendencies of Museology. Paris, ICOFOM. (no prelo).

SOARES, B. C.; SCHEINER, T. C. A ascensão dos museus comunitários e os patrimônios 'comuns': um ensaio sobre a casa. p.2469-2489. In: FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo (org.) E-book do *Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*. A responsabilidade social da ciência da Informação. (2009) João Pessoa: Ideia/Editora.

SOARES, Bruno Brulon. *Quando o museu abre portas e janelas: o reencontro com o humano no museu contemporâneo*. (2008). 163 p. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) PPG-PMUS/UNIRIO.

SONG, Xiangguang. How the theory and practice of ecomuseums enrich general museology. In: Communication and Exploration. Guyang, China (2005). Ecomusei del Trentino. Documenti di Lavoro p. 37-42.

VALENÇA, Vivianne Ribeiro; SCHEINER, Teresa. *Musealização e Patrimonialização na Ilha Grande: a experiência do Ecomuseu Ilha Grande*. (2019). XX ENANCIB: Florianópolis.

VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. (2013). Porto Alegre: Medianiz.

VARINE, Hugues de. L'écomusé. In: WASSERMAN, F. (Ed.) *Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie*. (1992) v. 1. M.N.E.S., p. 446-487